

Camila Bechelany - Centro Cultural São Paulo, 2019

Memória de confronto, marcas de resistência

Mesmo antes de ter uma carreira artística em São Paulo, Paul Setúbal já investigava as possibilidades de relação entre o corpo, o poder, a violência e os limites e interseções entre eles. Nascido em Goiás, um dos estados mais violentos do Brasil, ele se deu conta bem cedo de que vivia num mundo em que a força, as armas e a injustiça andavam juntas. Depois de alguns anos vivendo p entre Goiás, Brasília e São Paulo – uma região fronteira com grande extensão rural, a capital e a metrópole do Brasil – ele se tornou observador e participante de contextos sociais bem distintos dentro do país mas sempre marcados por alta desigualdade social e abuso de poder.

Corpo fechado é um dos desdobramento de uma série de trabalhos relativos à situações de confronto que Setúbal vem desenvolvendo desde 2009. Esses trabalhos fazem uso e desconstruem as formas de instrumentos de coerção comumente utilizados e rapidamente reconhecíveis pois fazem parte da memória visual de qualquer brasileiro e da memória corporal de grande parte de nós, como cassetetes, coturnos e escudos. Nessas operações de desconstrução Setúbal concebe “uma arqueologia das tecnologias de poder” ao mesmo tempo em que estuda uma possível resistência do corpo a esses mecanismos.

A mostra preparada para o Centro Cultural São Paulo é dividida em dois conjuntos de esculturas. Em um primeiro, Arqueologia do Poder, três esculturas em bronze com pátina preta estão apoiadas contra a parede, como cajados à espera de seu usuário. Nas extremidades desses cajados, reconhecemos coldres de armas de fogo e punhos de cassetes que são como que estendidos e remodelados pela adição de outros objetos: utensílios sexuais, partes do corpo, dentes e chifres. Seu aspecto orgânico-inanimado provoca estranhamento e atração e pela sua solução de sobreposição de distintas formas, essas esculturas poderiam ser pensadas como armas do futuro, que reúnem técnicas de vários instrumentos para ganhar em eficácia e adequação a um contexto de meios ilimitados para o uso da força.

Um segundo conjunto de obras é apresentado sobre uma plataforma que lhes serve de base. A base de metal suspensa acomoda quatro trabalhos (Corpo Fechado, Passante e A balada da primeira queda I e A balada da primeira queda II) organizados de tal forma que remetem a um corpo desmembrado, o torso e os membros separados. Corpo fechado, escultura que dá nome à exposição tem a forma e as dimensões de um escudo tático com a imagem em baixo-relevo de uma figura com o rosto e os braços cruzados em um gesto de proteção. O gesto de fechar os braços para se defender do impacto é como que sacralizado ali gravado, como a prova de um confronto possível em que um corpo foi mais forte que o instrumento desenvolvido para machucá-lo. Aqui é o corpo que machuca o metal.

O gesto de Setúbal, que ao alterar a forma dos objetos de coerção transforma-os em objetos “danificados” pelo corpo, é a solução encontrada para revelar o abuso da força e ao mesmo tempo marcar a resistência ao ato de confronto. O próprio corpo do artista é usado como molde para realizar as marcas e volumes e alterar a forma dos objetos. Em A balada da primeira queda II um soco inglês é amassado pela mão daquele que recebe o golpe e em Passante, um par de coturnos tem suas solas deformadas por marcas de dentes e do rosto, que desvendam a memória do impacto.

Corpo fechado é a invocação de um passado e de um presente de confrontos num contexto social extremamente violento. Um estudo de parte da história do gesto humano em um país que vive dentro da lógica do abuso da força. Mas diante de uma estrutura social que opera cotidianamente o extermínio da maioria de seus membros, é preciso sobreviver, fechar o corpo e parar o golpe.